

## K. MAURÍCIO

No cemitério dois coveiros abrem um fosso. É um sítio triste, sem um cipreste, desolado e que irrita como uma alma seca. Um dos coveiros é enorme, ossudo, ressequido, de barba dura e rara e grandes mãos. A sua sombra esguia, como um borrão tingia a terra, macabra. Cava a enxadadas espaçadas.

— Pondo-me<sup>1</sup> a cismar se vale a pena viver para todos os desgraçados, para quem desde séculos abro a cova... É uma quimera a Vida? Áspera quimera de que se sai para a cova transido, inda num arrepio de dor e absorto o olhar...

— Cava, cava e bebe-lhe... Que vale pensar?... Cavar na terra e escavar a dor, ó burro, não é igual...

— Que de dramas, de dores, de ilusões, de lama e de restos, a carroça não traz! Nunca pensaste diante da Morte no que é a Vida?...

— Cava, estupor!...

— Andar a perseguir uma quimera, dolorido até à morte, ser batido pela Vida!... Viver para quê, se viver para a maior parte é sinónimo de sofrer?...

— E o pequenname, estúpida criatura?...

Cava o Coveiro e a sua sombra esguia vai entrando na cova, à medida que ele a profunda...

<sup>1</sup> HP, p. 1: /Pondo-me/

Dá para a água o sítio, raso e de covas abandonadas. A noite ali é negra por causa da silhueta das árvores. A maré chapinha e entre as nervuras dos galhos há fios babados de luar. Depois a água escura segue, a sumir-se misturada com a treva... Porque é que a água à noite inquieta como o desconhecido?

O Coveiro a grandes pernadas salta o muro e dilui-se na escuridão. Por muito tempo ainda escuto os seus passos, parecidos com o cavar na terra gelada, e é como se ele andasse sobre o meu coração: magoa-me...

Eu nesse ano, porque estivera doido, vivia numa cidade, construída de restos de sonho que uma ventania de loucura atirara para a planície, como nuvens aglomeradas num fundo violáceo de tempestade. Os meus sonhos riscavam-se a carvão, mordiam-se de delírio: umas vezes era perseguido sem piedade, como um lobo, outras eram páginas de louco, covas abertas súbito, num pavor, unhas arrepeladas e berros... E há fisionomias que eu encontro agora na vida, reduzidas, que eu já vi com linhas de máscara, que as desfiguravam: às vezes surpreendo-lhes olhares de quem me conhece, logo reprimidos, e que me dão vontade de os matar...

Era uma cidade edificada ao pé duma laguna vítrea como um olhar de morto. A água era gélida e polida e do fundo da planície, que nenhuma charrua nunca lavrara, ela apavorava com as suas torres, Nínive construída duma só pedra enorme e negra.

... Sei que a multidão, no silêncio e no negrume, arrancava súbito em correrias pelas ranhuras esganadas das ruas. Curvada, num uivo doloroso, sumia-se na noite e deixava um risco de som magoado, como uma viola que se parte. Ficaram-me na memória restos de fronte aflitivas, linhas, esgares, corpos hirtos e rapados. E depois toda a turba fugira, se esgotara, subindo num arranco um calvário, descera o monte, alagara o vale, terras nuas até ao horizonte acarvoado, com um brilho de dúbia claridade quieta ao meio... E porque as nuvens se alastrassem, tudo desaparecera, comido de treva, como se os tragasse, num grande silêncio, uma cova de noite.

Súbito a claridade cortara o céu, uma claridade baça, imóvel, em feixes, a alumiar metade do monte, metade do vale, deixando o resto no Nada, uma grande mancha alastrada sobre a vertente da esquerda, e a multidão aparecera, indecisa, fugidia, a borbulhar, adivinhada extensa na luz dúbia, a encher toda a planície, como num carvão de Sequeira, e torsos contorcidos, faces arrepiadas, contracções de dor, misturavam-se, a subir, a esgadanhar-se, numa fúria de vida... E como a luz caísse então para o fundo, toda a planície era alastrada, ruisselava<sup>2</sup> da turba. Os gestos que eu fazia repetia-os a Multidão, e risos miúdos, como um chapinhar de maré, iam agora do princípio ao fim da planície...

Foi aí, na corcova do monte, onde três oliveiras arrepiadas punham uma mancha de crime, que eu conheci K. Maurício e o *homem do violino*. Das oliveiras, tronco carcomido, com um único galho e uma folhinha a nascer, caía um luar triste, que as nuvens prestes sufocavam, para em seguida outra vez todo o monte aparecer com a correria, a fuga dolorosa das oliveiras, de súbito estancada.

Sob a claridade vaga, a paisagem parecia criar-se, escalvado e soturno lugar de sabat; oliveiras torcidas, estacadas, convulsos no ar os braços, despenhadas pela vertente: à esquerda um calvário, três cruces como três forcas no alto, solitárias: em baixo a nódoa da planície, a borbulhar da multidão esparsa, que se imobilizara, petrificada agora, olhar de ânsia posto em mim, e o silêncio caíra como a tampa duma cova...

E o inquietante silêncio foi súbito clareado: era o violino que tocava uma música, arrepiada de dor, vaga, dúbia claridade daquele luar entre nuvens, indecisa e que perturbava como um crepúsculo sobre águas mortas: e alastrava-se pela paisagem, sinfonia de almas a errar numa névoa lilás...

Na noite acarvoada, as nuvens empastavam-se, em fugidas macabras ao luar, o vale a repercutir agora as risadas do violino, a Catedral duma imobilidade acusadora no alto. E esguio,

<sup>2</sup> Galicismo: *ruisseler* (fluir, alagar, etc.).

o homem do violino tocava uma música cortada de gemidos, evocação duma planície rasa, sem árvores, duma única cor monótona, e, como um rebanho, nessa luz de agonia, passavam vis, com olhares de desespero, os Grotescos e os Doentes...

Corriam os arredores da cidade, as ravinas onde o luar escorre e um braço de árvore torcido rompe a silvar raivoso dentre pedras. Um tocava, o outro representava. Conheciam o vício e o crime, e um o escrevia, o representava, dizia a música do outro toda a alma humana...

Era o tipo de Avaro, mãos afiadas e trémulas, o olhar duro, risos curtos de quem vai agarrar o oiro. Sob as oliveiras avança convulso e logo se transforma quieto, imóvel, cortado em pedra negra, rapace, ora fulminado, absorvido na contemplação do Metal, já de pé, absorto, até cair com a queda dum corvo sobre um cadáver. Transforma-se: tem no olhar o brilho do poder, contraem-se-lhe as mãos como quem é dono; todos os seus gestos são decisivos e em torno parece que as oliveiras se curvam à rajada de certeza e de absoluto que dele sai; logo finge, curvatura de judeu, finura de quem procura pela humildade enganar uma presa, certo, porém, que breve domina, vai triunfar, vingar-se...

O violino o acompanha ríspido, em sons curtos, breves, como ideias nítidas de judeu, enche o vale, a planície de Oiro e de ambição; tem notas raspadas, como unhas a arremelarem-se por uma parede, gritos de remorso e de triunfo... Já ele conta a Morte e o Amor, o desdém, o ódio, encarna a humilhação, os dias em que tem de se ouvir curvado todas as insolências e todas as angulosidades do Dinheiro e é rasteiro, baixo, os seus gestos são medidos, em cobra: toda a sua figura exprime a hipocrisia...

Foi numa noite dessas que eu conheci K. Maurício. A sua Vida, a sua Alma,<sup>3</sup> ele a estatela no livro que se segue, e que deixou escrito.

É um romance incompleto e fácil é de ver que é quase uma autobiografia: por isso lho publico, juntando-lhe o que nos seus papéis encontrei com o título de *Diário*.

<sup>3</sup> HP, p. 5: /a sua Alma elle a estatéla./; MP, p. 25

Esta história dum palhaço desgraçado e batido e sempre agarrado à sua quimera não é bem a sua história?...<sup>4</sup>

Ele não sabia escrever! não, ele não sabia escrever, juro-o, mas punha nos seus papéis, num feitio tão áspero como a sua alma, o desprezo e o tédio que tinha à Vida: escrevia com o mesmo rancor com que cuspiam ao falar de ilusões e de candura: jacto de saliva silvado sobre o papel. Mesmo, se é curioso, é por esta mesma maneira de escrever aos repelões e nunca pude deixar, ao lê-lo, de escutar, como em noites de febre, o ruído abafado dum coração a bater...

Onde acaba a Vida e começa o Sonho? Nem ele mesmo o saberia dizer. A estas páginas junto a parte do seu jornal, que me parece completar este livro, curioso e com bruscos ressaltos de alucinado. Que amálgama de lama e de dor, ao mesmo tempo pícara e comovedora, não sai desta espécie de autobiografia! Há pedaços de diário, folhas e folhas ingénuas, mas em que uma frase sentida fica, sugestiva e acuta<sup>5</sup>, e de todas estas linhas uma fisionomia deve restar, de desgraçado, de quem afinal a gente não sabe se rir se chorar. Apenas corto algumas páginas. É que nunca se arrepiaram ao ter súbito uma ideia, em que a gente treme de pensar e afoga apenas nascida?... O que é este livro? A vida com sonhos, dores, ilusões e amarguras.

É no diário que ele, com uma singular ferocidade, se conta. É fácil é reconstituir a vida desse homem, duma sensibilidade exasperada, que sofreu sobretudo pela imaginação, incapaz de realizar — singular tortura, que é a de muitos moços, que agora entram na Vida. Nada literárias, mas vivas, humanas, as folhas do jornal, escritas numa prosa sôfrega e bravia, dão-me a impressão de se estar a escutar um homem que fala a sós, que diz, num monólogo entrecortado e áspero, o que sofre.

Eis aqui a história da sua morte:

Filho dum homem honrado, com Mãe e duas irmãs pequeninas, ele experimentara todas as carreiras e de todas desisti-

<sup>4</sup> MP, p. 25

<sup>5</sup> Do lat. *Acutus*. Forma alatinada do adjectivo **agudo**.